

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Bruna Bruzamarello


**Educação sexual de adolescentes nas escolas:
um olhar sobre o cenário brasileiro**



Porto Alegre

2010

BRUNA BRUZAMARELLO



**Educação sexual de adolescentes nas escolas:
um olhar sobre o cenário brasileiro**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Enfermagem.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Maria da Graça
Crossetti

Porto Alegre

2010

No que diz respeito ao desempenho, ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe meio termo. Ou você faz uma coisa bem-feita ou não faz. Ayrton Senna

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por viver e por viver com saúde.

Aos meus pais, Dirceu e Rita pelo amor incondicional, pela paciência, pela dedicação com que me ensinaram a ser justa, honesta e humilde, pela presença constante mesmo quando a distância nos separava, pelas inúmeras vezes que me fizeram acreditar e principalmente, agradeço porque me fazem ter orgulho de mim e muito mais de vocês.

Ao meu irmão Artur, por existir e ser tão especial em nossas vidas, pela compreensão diante da ausência necessária e por encher a casa de alegria com a luz do seu sorriso.

Ao meu namorado Willian, pelo amor que me dedica, pelo companheirismo durante esta caminhada, pela compreensão nos momentos de angústia e desespero e pelas palavras e abraços que renovavam minhas forças.

A Prof.^a Dra. Maria da Graça Oliveira Crossetti, por ter aceitado este desafio ao meu lado, acreditado no meu potencial sem conhecê-lo, pelas orientações e críticas sempre pertinentes, repletas de cuidado e carinho e pelo crescimento que me proporcionou quando, me desafiou a concluir dentro dos prazos um bom e novo trabalho.

A Enfermeira Daiane Freire Benites por ter me acolhido com tanta dedicação durante o estágio na rede básica, por fazer da sua profissão algo inovador, alegre e contagiante, e por ter se tornado meu referencial na enfermagem comunitária.

E a todos os amigos e familiares que representaram fortalezas nos momentos mais difíceis desta caminhada, que se orgulham da minha história e por fazer parte dela.

MUITO OBRIGADA.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 OBJETIVO	10
3 METODOLOGIA	11
4 ASPECTOS ÉTICOS	13
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	14
5.1 Características da Amostra	14
5.2 Caracterizando elementos essenciais na educação sexual dos adolescentes nas escolas	17
5.2.1 A Família alicerçando saberes	18
5.2.2 A escola: o espaço fundamental	19
5.2.3 O professor desafiado pela transversalidade	22
5.2.4 Redes sociais: um apoio fundamental	25
5.2.4.1 Os Profissionais de saúde: aliados pela integralidade	25
5.2.4.2 A Mídia: comunicando sexualidade.....	28
5.2.4.3 Os Amigos: as boas e más influências	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

RESUMO

A escola exerce um importante papel na educação sexual durante a adolescência. Este estudo teve como objetivo compreender os elementos fundamentais que estruturam a promoção da educação sexual para adolescentes nas escolas brasileiras. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujas fontes de coleta de dados foram 16 artigos científicos publicados em periódicos de enfermagem nacionais, indexados nas bases de dados Lilacs e Scielo, com os descritores: Orientação Sexual; Educação Sexual; Adolescente; Escola; Sexualidade na Adolescência; Família, no período de 2000 a 2010 e três manuais publicados pelo Ministério da Saúde, relacionados ao tema. Procedeu-se a análise de conteúdo de Bardin, em que se desvelou quatro categorias: a família alicerçando saberes; a escola: o espaço fundamental; o professor desafiado pela transversalidade e, as redes sociais de apoio, que compreendeu três subcategorias: profissionais da saúde: aliados pela integralidade; mídia: comunicando sexualidade e, amigos: as boas e más influências. As considerações finais revelaram que a sexualidade ainda é um tema velado em muitas famílias e ou abordado por ela com constrangimento, assim como. Isto faz com que o adolescente utilize as informações que adquire fora destes ambientes como padrão para suas ações.. Além disso os profissionais da educação não estão tecnicamente preparados para abordar o assunto com a transversalidade proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais. No entanto, iniciativas positivas como: a criação do Programa Saúde na Escola, resultado da parceria entre os Ministérios da Saúde e da Educação, apontam para um futuro desmistificador e de debate aberto sobre a sexualidade nas escolas.

Descritores: Orientação Sexual; Educação Sexual; Adolescente; Escola; Sexualidade na Adolescência; Família

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de transição gradual da infância para a idade adulta, que vem sendo cada vez mais estudada por profissionais que se dedicam ao atendimento de jovens nesta fase da vida. É uma etapa crucial do processo de crescimento e desenvolvimento humano, que se manifesta por intensas, bruscas e marcantes transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. Um momento em que a única certeza é não ter certeza de nada.

As dúvidas surgem a toda hora, a respeito de tudo. Um momento da vida em que as perguntas ficam sem respostas, em que os pais deixam de ser “amigos” para tornarem-se “inimigos” sem que saibam exatamente o motivo. Diante de um cenário tão angustiante, o adolescente busca os seus semelhantes, cria grupos que representam afinidades ou mesmo adversidades, mas necessita sentir-se parte de algo, talvez para espantar a sensação de que não consegue compor sua vida sozinho.

A sexualidade é algo que desenvolvemos desde o nascimento e faz parte da nossa vida em todos os momentos. Vivenciamos bem a nossa sexualidade quando nos sentimos bem com nós mesmos, com os outros e com o mundo. Sexualidade é muito mais do que sexo. Ela envolve desejos e práticas relacionados à satisfação, à afetividade, aos prazeres, aos sentimentos e aos exercícios da liberdade. É ter prazer ao acordar e espreguiçar-se na cama. Abrir a janela e sentir o sol ou o vento sobre a pele. É abraçar, acariciar, beijar carinhosamente as outras pessoas (BRASIL, 2009).

Muitas vezes, os pais não sabem como agir diante das demonstrações de sexualidade de seus filhos, porque não é tarefa fácil aceitar e entender a maneira de pensar dos jovens. Mas é neste momento que pais e filhos compreendam e vivenciem esta etapa da vida, valorizando seus conhecimentos, sua história e suas crenças para que tomem consciência de que a família é um espaço essencial na formação dos indivíduos (ALMEIDA; CENTA, 2009).

Constata-se no cenário das políticas nacionais que a adolescência tem sido foco de inúmeras pesquisas, por meio das quais o número crescente de casos de DSTs/AIDS, gravidez, suicídio e acidentes vêm ganhando visibilidade, sendo pois, importante e necessário abordar o tema sexualidade com esta população. Porém, diante desse cenário, não se pode esquecer que a família tem grande influência na formação de adolescentes, pois a sexualidade é primeiramente abordada no espaço

privado, por meio das relações e comportamentos familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e adolescentes assumam (FONSECA et al., 2010).

A tendência grupal induz muitos jovens a assumirem comportamentos para os quais não estão preparados, como experimentar drogas, iniciar relacionamento sexual precocemente, entre outros. O grupo, para o adolescente, constitui-se um espaço para formação de uma nova identidade, ainda que intermediária entre a família e a sociedade, em que ele pode experimentar e exercer novos papéis (FONSECA et al, 2010). Neste contexto, os indivíduos, principalmente os jovens, quando não estão em grupo se sentem expostos e inseguros, mas quando estão agrupados se sentem confiantes quanto aos valores delimitados de seus pares, pois diluem sentimentos de vergonha, medo, culpa ou até mesmo inferioridade (SOUZA et al. 2007).

A escola enquanto cenário de convivências tem como missão primordial desenvolver ações educativas desempenhando papel fundamental na formação e na conduta desses jovens em diferentes contextos da vida social. Agrega também o compromisso no desenvolvimento da cidadania e no acesso às políticas públicas. Desse modo pode tornar-se o centro de ações que visam à promoção de saúde para crianças, adolescente e jovem adultos.

A escola deve ser entendida como um espaço privilegiado de relações para o desenvolvimento do pensamento crítico e político, contribuindo na construção de valores pessoais, crenças e papéis sociais distintos representados por professores, alunos, merendeiras, porteiros, familiares, voluntários, entre outros, são indivíduos que produzem modos de refletir e agir sobre si, sobre o outro e sobre o mundo e que devem ser compreendidos pelas equipes de Saúde da Família em sua estratégia de cuidado.

Nas escolas, acredita-se que o trabalho de promoção da saúde com os estudantes, e também com professores e funcionários, precisa ter como ponto de partida “o que eles sabem” e “o que eles podem fazer”, desenvolvendo em cada um a capacidade de interpretar o cotidiano e atuar de modo a incorporar atitudes e/ou comportamentos adequados para a melhoria da qualidade de vida. Nesse processo, as bases são “as forças” de cada um, no desenvolvimento da autonomia e de competências para o exercício pleno da cidadania.

Nesse sentido, espera-se dos profissionais de saúde e de educação que no desempenho das suas funções, trabalhem o desenvolvimento de estratégias que estimulem e promovam as potencialidades dos estudantes, professores e funcionários das escolas, aplicando assim um dos princípios básico da promoção em saúde.

Souza et al (2007) em seu relato de experiência sobre uma ação de educação em saúde, ao utilizar a técnica de grupos para abordar a sexualidade com um grupo de adolescentes, constatou que o envolvimento contínuo com educadores e enfermeiros, o conhecimento sobre os temas específicos, a dinâmica de grupo, acrescida da credibilidade dispensada pelos adolescentes ao grupo de coordenadores foram pontos facilitadores para a operacionalização das oficinas e o alcance dos objetivos propostos.

Nesta perspectiva da educação sexual, o Ministério da Educação, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) incluiu em 1998 a orientação sexual entre os temas transversais nas diversas áreas de conhecimento. Nos PCNS reafirmou-se a necessidade de sua problematização e análise das questões sociais, incorporando-as como temas transversais, sendo destacadas as relacionadas à: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. (BRASIL, 1997).

Considerando que a mudança de comportamento é fruto de um processo complexo, ideológico, psíquico e afetivo que se realiza a médio e a longo prazo, é importante o investimento dos municípios brasileiros no desenvolvimento de ações e projetos contínuos, articulados entre família, escola, serviços de saúde e sociedade em geral (SOARES et al, 2008).

O encontro com o tema ocorreu durante a primeira etapa do estágio curricular, realizado na rede básica, em uma unidade do Programa de Saúde da Família, localizada em um bairro de classe baixa da cidade de Porto Alegre.

Entre as atividades que foram desenvolvidas neste estágio, pude frequentar uma escola municipal de ensino fundamental que faz parte da área adstrita da equipe, e entre os temas abordados com os alunos falamos sobre a sexualidade na adolescência. A curiosidade era esperada, mas mesmo assim fui surpreendida com inúmeras perguntas, vários relatos de adolescentes que não falam sobre este assunto com seus familiares, e o que despertou ainda mais minha atenção foram as solicitações dos professores para que tratasse deste assunto com os alunos.

Diante disso, observei que o fácil acesso a informação e a popularidade do tema não foram capazes de superar tabus e preconceitos de décadas. Percebi que a sexualidade continua sendo um assunto velado entre as famílias, forçando os adolescentes a buscar fora do núcleo familiar as respostas para as dúvidas relacionadas a este tema, condições que acredito se agravam diante das escolhas que cada adolescente faz utilizando informações equivocadas sobre a sexualidade.

Neste contexto entre as co-responsabilidades dos profissionais da educação e da saúde, decidi realizar o presente estudo que tem por objetivo compreender os elementos fundamentais que estruturam a promoção da educação sexual para adolescentes nas escolas brasileiras.

E neste momento entendo que existe um grande desafio para que a orientação sexual realizada nas escolas seja praticada de maneira clara e sem preconceitos, para que possa ser assertiva e trazer as respostas que os adolescentes precisam.

2 OBJETIVO

O presente estudo tem por como objetivo:

- Compreender os elementos fundamentais que estruturam a promoção da educação sexual para adolescentes nas escolas brasileiras.

3 METODOLOGIA

A seguir se apresenta a metodologia que guiou o desenvolvimento deste estudo.

3.1 Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo qualitativo, tipo pesquisa bibliográfica segundo Gil (1991), que se caracteriza por ser desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

3.2 Procedimentos

3.2.1 Fontes

Constituíram fontes deste estudo:

- artigos científicos publicados em periódicos de enfermagem nacionais, indexados nas bases de dados Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Scielo (Scientific Electronic Library Online); em idioma português; período de 2000 a 2010; disponível online na íntegra, selecionados a partir dos descritores: orientação sexual; educação sexual; adolescente; escola; sexualidade na adolescência; família.

- manuais do Ministério da Saúde (BRASIL, 2006; BRASIL, 2009; BRASIL, 2010) que abordassem temas relacionados a sexualidade na adolescência no espaço escolar, disponíveis online e ou nas unidades do Programa de Saúde da Família, na rede básica de saúde.

3.2.2 Coleta de materiais:

Os artigos científicos selecionados e os manuais foram lidos na íntegra, visando extrair as informações relativas aos objetivos do estudo. As informações coletadas dos artigos analisados foram registradas em um instrumento (Apêndice A) constando: título, autor, periódico, ano, local, objetivos, metodologia, resultados e recomendações. Os manuais foram analisados e suas informações registradas em

uma ficha de leitura (Apêndice B), com as seguintes informações: título, autor, ano, órgão responsável e conteúdo.

3.2.3 Análise e discussão das informações

Com base nas informações coletadas foi feita a análise de conteúdo segundo Bardin (1977) visando identificar as categorias temáticas e assim identificar os elementos fundamentais que estruturam a promoção da educação sexual de adolescentes nas escolas brasileiras.

4 ASPECTOS ÉTICOS

Serão mantidas as autenticidades das idéias, conceitos e definições dos autores pesquisados, bem como serão realizadas as devidas citações e referências de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo se apresenta a caracterização das produções que foram analisadas, bem como as categorias temáticas desveladas neste estudo.

5.1 Características da amostra

A caracterização das produções analisadas é demonstrada no quadro I a seguir:

CARACTERÍSTICAS DAS PRODUÇÕES		
Manuais	3	17,5%
Artigos	13	82,5%
Metodologia quantitativa	3	23%
Metodologia qualitativa	10	77%
População foco: família	1	8%
População foco: professores	2	15%
População foco: adolescentes	10	77%
Campo: escola	10	77%
Campo: comunidade	1	7,60%
Campo: unidade básica de saúde	1	7,60%
Campo: revisão bibliográfica	1	7,60%

Quadro I - Característica das produções analisados N= 16
Fonte: Bruzamarello (2010)

Examina-se no quadro I que das 16 produções analisadas, 13 (82,5%) compreenderam artigos científicos e três (17,5%) manuais publicados pelo Ministério da Saúde, distribuídos aos postos da rede básica de saúde para que sirvam como material de apoio nas ações educativas em saúde realizadas pelas equipes do Programa de Saúde da Família. Um dos manuais, publicado no ano de 2006 traz uma abordagem biológica sobre o tema sexualidade na adolescência, o segundo, publicado no ano de 2009 vai além do aspecto biológico, pois informa o adolescente sobre a lei que os protege, orientações para manter uma alimentação saudável, higiene bucal, imunizações na adolescência, aborda as formas de relacionamentos que acontecem na adolescência, a gravidez indesejada, métodos anticoncepcionais e incentiva o adolescente a construir um projeto para sua vida, a pensar no futuro e planejar-se desde jovem para ter uma vida adulta segura. O terceiro manual analisado, publicado em 2009, divulga em detalhes o Programa de Saúde na Escola

(PSE) e foi encaminhado às unidades do Programa de Saúde da Família, direcionado ao enfermeiro responsável.

Observa-se ainda nos dados do quadro I, a prevalência da metodologia qualitativa para a condução dos estudos, representando 77% (10) dos artigos. A pesquisa qualitativa se responsabiliza por questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado (FONSECA et al, 2010).

Outro aspecto que se destaca é relacionado à população estudada, pois em 77% (10) dos trabalhos, os adolescentes foram o grupo de escolha corroborando com Camargo e Ferrari (2009) quando afirmam que torna-se necessário conhecer melhor o que os adolescentes pensam, sua realidade, mitos e tabus com respeito a sua sexualidade para que se possa abordá-la de modo a contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento sexual saudável. Neste sentido, Beserra, Pinheiro, Barroso (2008) entende que é importante o aprendizado emergir do próprio grupo, pois elas se percebem no seu contexto e podem refletir sobre sua própria realidade. Por outro lado, a família foi eleita como participante em apenas 8% (1) dos artigos analisados.

Quanto ao campo, verifica-se que a escola foi o cenário por excelência eleita em 77% (10) como local para realização dos estudos. Estes dados vem ao encontro do estudo de Camargo e Ferrari (2009), para os quais a escola significa um lugar importante para se trabalhar conhecimentos, habilidades e mudanças de comportamento, pois é local em que o adolescente permanece o maior tempo do seu dia. Portanto, torna-se um local propício e adequado para o desenvolvimento de ações educativas, atuando nas diferentes áreas dos saberes humanos.

Os artigos analisados para esta pesquisa encontram-se no quadro 2, quanto à abordagem metodológica e a técnica de coleta das informações:

METODOLOGIA	
Descritiva exploratória	4
Oficinas lúdico-pedagógicas	2
Entrevista com formulário estruturado	2
Pesquisa-ação	1
Círculo de Cultura	1
Técnicas grupais	1
Descrição etnográfica	1
Descritiva correlacional	1

Quadro 2: Abordagem metodológica e técnicas de coleta de dados
 Fonte: Bruzamarello (2010)

A diversidade de abordagens metodológicas e técnicas para coleta de informações são evidenciadas no quadro 2. Observa-se que algumas abordagens aplicadas poderiam constituir por si estratégias para a educação sexual dos adolescentes nas escolas, dado a natureza e características das mesmas. Dentre essas, destaca-se as oficinas lúdico-pedagógicas (SOARES et al, 2008), a Pesquisa-Ação (MOIZÉS; BUENO, 2010), as técnicas grupais (SOUZA et al, 2007) e o Círculo de Cultura (BESERRA; PINHEIRO; BARROSO, 2008) cujo foco se centraliza nos adolescentes enquanto sujeitos singulares, atores principais do fenômeno em estudo, a sexualidade.

No estudo realizado por Souza et al (2007) foram realizadas oficinas utilizando a técnica de Pesquisa-Ação, fundamentada na educação conscientizadora/problematizadora de Paulo Freire e sustentada pela metodologia participativa e dialogada que favorece uma relação crítica e transformadora, para desta maneira abordar o tema sexualidade com adolescentes de baixa renda do município de Aparecida de Goiânia/GO. Esta metodologia exigiu dos autores trabalho, esforço, dedicação, reflexão e desafio para a execução das ações planejadas, especialmente para superar a experiência como docentes que contemplava na maioria das vezes o modelo pedagógico tradicional, considerado pouco reflexivo. A teoria da problematização de Paulo Freire e os fundamentos do trabalho grupal que utilizaram neste contexto, possibilitaram o alcance dos objetivos propostos, considerando que esse modelo é fundamentado no diálogo aberto e reflexivo, que o educando parte de sua própria realidade para interagir, trocar experiências e adquirir novos conhecimentos (SOUZA et al, 2007).

5.2 Caracterizando elementos fundamentais na educação sexual dos adolescentes nas escolas

A análise temática das produções que constituíram a amostra deste estudo desvelou as seguintes categorias:

- *a família alicerçando saberes*
- *a escola: o espaço fundamental*
- *o professor desafiado pela transversalidade e,*
- *as redes sociais de apoio*

As redes sociais foram desdobradas em 3 subcategorias:

- *os profissionais da saúde: aliados pela integralidade*
- *a mídia: comunicando sexualidade e,*
- *os amigos: as boas e más influências*

Que estão sintetizadas na figura 1, de modo a facilitar a compreensão do leitor quanto ao objetivo do estudo.

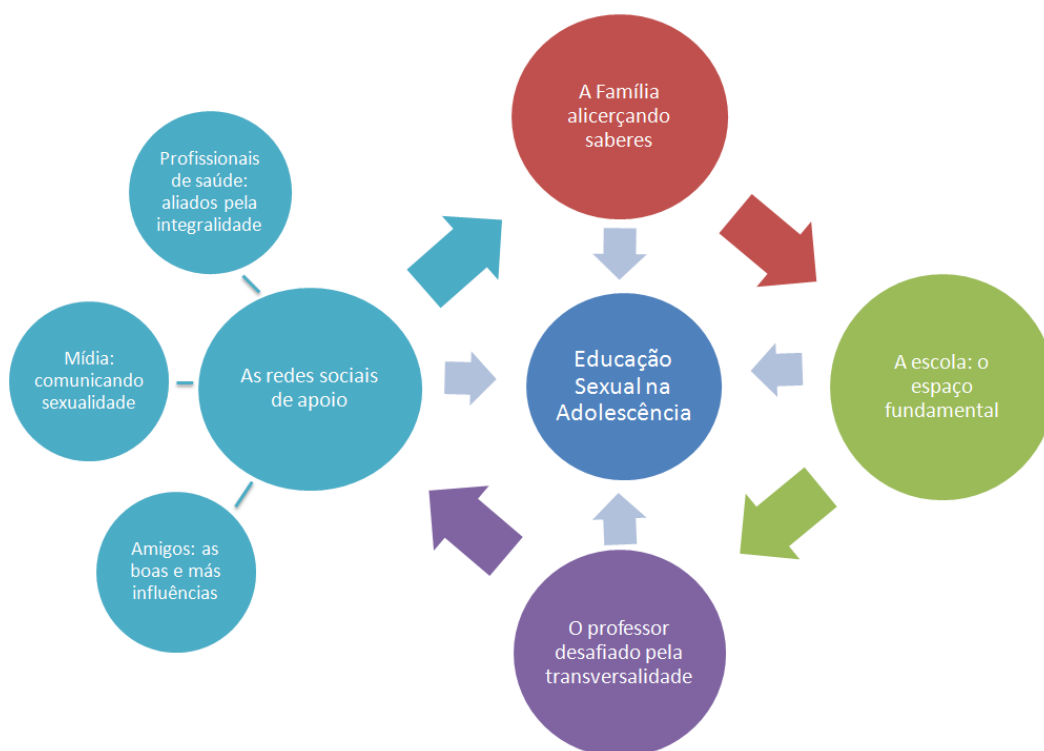


Figura 1: Os elementos fundamentais da educação sexual de adolescentes nas escolas.

5.2.1 A Família alicerçando saberes

O núcleo familiar muito mais que um espaço de convivência é sem dúvida um local privilegiado para que o indivíduo construa suas opiniões, seu comportamento e sua personalidade. Por estas razões que a família exerce papel fundamental na educação sexual dos adolescentes. Conforme Fonseca et al. (2010) podemos dizer que a família é responsável pelo processo de socialização primária e, com isso, tem influência nas questões sexuais desenvolvidas e apreendidas ao longo do tempo.

A identidade sexual e social de cada um dos indivíduos é construída segundo a família (uma miniatura da sociedade), através da visão de mundo e valores que herdamos dos nossos pais (CAMARGO; FERRARI, 2008). Conforme Janeiro (2008) não há dúvida de que os primeiros educadores sexuais são os próprios pais, porque a eles compete a maior responsabilidade na formação dos seus filhos. Diz ainda que os pais são os modelos que contribuem para a construção da identidade sexual dos filhos e estão conscientes da importância da educação sexual para o desenvolvimento global dos adolescentes.

No entanto, mesmo diante da importância concedida à família para a orientação sexual de adolescentes, se constata que há estudos que mostram o que este tema ainda gera constrangimentos e aflições para pais e filhos (FONSECA et al, 2010; JANEIRO, 2008). As razões são diversas, mas sem dúvida a vergonha de abordar o assunto e a maneira como os pais foram educados sexualmente são as maiores entraves para que haja um discurso franco entre a família e a orientação sobre sexualidade ocorra realmente neste espaço.

Muitos adultos de hoje não vivenciaram o diálogo em suas famílias, o que pode influenciar em suas ações e nas dificuldades com seus filhos (FONSECA et al, 2010). As barreiras à comunicação sobre a sexualidade com os filhos são, sobretudo, a inibição, a timidez e a falta de iniciativa dos filhos (JANEIRO, 2008).

Almeida e Centa (2009) referem que a comunicação da família com os filhos na adolescência, embora difícil e conflituosa, deve ser sempre estimulada, pois é nessa fase que os filhos querem e mais necessitam receber informações. Os autores aludem que a relação interpessoal entre pais e filhos adolescentes é um momento único e deve ser aproveitada em cada minuto, pois é justamente nesse tipo de contato que acontece a apreensão de valores que tendem a permanecer pelo resto da vida.

O receio dos pais em falar sobre a sexualidade é embasado na crença de que a conversa sobre sexualidade pode induzir o adolescente a iniciar precocemente a atividade sexual, e por isso alguns pais e mães silenciam sobre o assunto (FONSECA, et al 2010). Alguns pais entendem que se falaram com os filhos sobre sexualidade, promoverão o início da sua atividade sexual mais cedo que o esperado (JANEIRO, 2008). Diante disso se percebe que a família ainda precisa ser assistida para que possa orientar e educar sexualmente seus adolescentes de maneira clara, desconstruindo estereótipos e derrubando tabus.

5.2.2 A escola: o espaço fundamental

Ao discutirmos a orientação sexual de adolescentes, imediatamente somos remetidos as escolas, que representam mais do que um espaço de aprendizagem na vida do adolescente, elas são o principal espaço de socialização para a maioria deles, um lugar de encontros, de troca de conhecimento e de realização. No entanto se sabe que o sistema educacional enfrenta barreiras para abordar a sexualidade de maneira ampla, que seja capaz de abordar o tema além do perfil biológico e das relações reprodutivas. Pois conforme Fonseca et al (2010) hoje se sabe que o entendimento biológico, apesar de importante, não é suficiente para trabalhar orientação sexual nas escolas. É preciso levar em consideração aspectos emocionais, socioculturais, históricos, entre outros.

A escola é o ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida, e é um dos principais elementos para contatos interpessoais, por isso deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de auto-responsabilidade e compromisso para com sua própria sexualidade, e além da ação direta que exerce nos educandos, indiretamente incentiva a própria família a desempenhar o seu papel (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

A escola significa um lugar importante para se trabalhar conhecimentos, habilidades e mudanças de comportamento, pois é local em que o adolescente permanece a maior parte do tempo do seu dia, e neste espaço pode contar com a participação dos pares (amigos), professores e familiares. Portanto, torna-se um local propício e adequado para o desenvolvimento de ações educativas, atuando nas diferentes áreas dos saberes humanos (CAMARGO; FERRARI, 2008).

Diante da relevância de pesquisas realizadas com adolescentes e do quanto esta população ainda precisa ser estudada, vislumbra-se a escola como um local de promoção de saúde; nela as oportunidades de “trocas” por meio do convívio social são facilitadas pelo grande tempo de permanência dos estudantes. Percebe-se que quando a escola assume em seu Projeto Político Pedagógico o compromisso com a orientação sexual, pode ser capaz de contribuir para que crianças e adolescentes desenvolvam a comunicação nas relações interpessoais, elaborem valores a partir do pensamento crítico, compreendam o próprio comportamento e tomem decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual (FONSECA et al, 2010).

O ambiente escolar é o espaço privilegiado para que crianças e adolescentes possam fazer seus questionamentos. Nos debates de sexualidade, os jovens muitas vezes fazem perguntas que os pais e mesmo os professores não se atrevem a responder. Por isso, a escola é lugar eleito para inserir, no processo educacional, uma educação preventiva. Quando se fala em sexualidade, pressupõe-se falar de intimidade e de relações afetivas (MOIZÉS; BUENO, 2010).

A escola, ao oferecer a educação sexual, contribui efetivamente para que estudantes desenvolvam a comunicação nas relações interpessoais, façam escolhas conscientes no que se refere à atividade sexual e à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, elaborem valores e compreendam o próprio comportamento, tomando decisões responsáveis a respeito de sua vida, agora e no futuro (FONSECA et al, 2010).

Para facilitar a entrada deste tema nas discussões em sala de aula, a orientação sexual na escola foi incluída nos novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), dando autonomia aos próprios estabelecimentos de ensino para decidirem a forma de abordarem esta temática (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Os PCNs não se constituem na única ou na melhor proposta de melhoria da qualidade de ensino, mas propicia através de seus pressupostos, uma reflexão e discussão sobre o ensino atual, como forma de se mobilizar a equipe escolar para a promoção de transformações na base do ensino tradicional. Constitui-se num certo “avanço” em termos de compreensão do processo de ensino por que: propõe a interdisciplinaridade e a idéia de que avançar no conteúdo significa construí-lo; amplia o conceito de sala de aula como um espaço social e de aprendizagem, e não somente um local de transmissão de saberes; dá importância aos temas sociais e à

contextualização dos assuntos trabalhados; e, enfim, suscita discussões acerca do que está acontecendo atualmente, no que diz respeito ao ensino no país, e do que poderia ser modificado a partir das possibilidades locais de cada escola. (TONATTO; SAPIRO, 2002).

Os PCNs tem como propósito ser um referencial fomentador de reflexão sobre os currículos escolares, como uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de seus projetos curriculares. O tema transversal deve impregnar toda área educativa do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento. Os conteúdos tratados na escola devem destacar a importância da saúde sexual e reprodutiva e cuidados necessários para promovê-la. A escola também deve integrar serviços públicos de saúde, conscientizar para a importância de ações prioritariamente preventivas e remediativas se for o caso (MOIZÉS; BUENO, 2010).

No entanto se verifica que as ações voltadas para a orientação sexual são veladas nas instituições de ensino. Conforme Jardim e Brêtas (2006) as escolas enfrentam dificuldades para a inserção de novas práticas em educação sexual, e muitas vezes deixam de oferecer um espaço para que ocorram debates sobre saúde reprodutiva e sexualidade de uma forma contínua, pela carência de recursos materiais e pessoal capacitado.

Para Camargo e Ferrari (2009) a análise de alguns estudos demonstra que as atividades realizadas nas escolas, que procuram discutir o tema sexualidade acabam por evidenciar a fragilidade de conhecimentos e do comportamento dos jovens. A precariedade de conhecimento sobre as formas de prevenir DST, por exemplo, é preocupante e pode estar relacionada diretamente a pouca ou à falta da qualidade no âmbito educacional das nossas escolas e outras instituições formadoras de opinião, assim se constata que algumas escolas não vem desempenhando o seu papel social no que diz respeito à orientação sexual dos jovens, fato preocupante, pois um dos meios de orientar os adolescentes sobre o tema sexualidade pode não estar cumprindo eficazmente o seu papel (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

A escola precisa reassumir o trabalho de educação sexual, mas não para repreendê-la e sim para mudar visões distorcidas ou negadas da sexualidade, sem, contudo, substituir a família, porque a criança não chega à escola sem idéias, mas já com diversas inscrições acerca do sexo (MOIZÉS; BUENO, 2010).

A educação sexual na escola não deve trazer respostas prontas, mas problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que cada um escolha seu próprio caminho (JARDIM; BRÊTAS, 2006). Neste sentido, concordamos com Tonatto e Sapiro (2002) quando afirmam que as modificações na estrutura do planejamento curricular são necessárias, uma vez que a base tradicional do ensino brasileiro não possibilita o desenvolvimento de um trabalho diferenciado (interdisciplinar e transversal), pois está fundamentada em princípios e objetivos que não condizem mais com a contemporaneidade.

Os próprios adolescentes elegem a escola como lugar ideal para ações de orientação sexual, porque ali estão reunidos, por ser uma local de longa permanência e porque se sentem a vontade por estarem entre colegas, com os quais convivem diariamente. É possível perceber que além de aprovarem o trabalho realizado na escola com foco nesta temática, consideraram que as atividades são imprescindíveis para suas vidas, pois contribuem com seus processos de viver, ampliando o conceito de sexualidade que geralmente está atrelado apenas à relação sexual e trazendo novos conhecimentos, o que permite o partilhar de experiências e dar subsídios a escolhas responsáveis (FONSECA et al, 2010).

O processo de educação sexual deve ser exercido não como domesticação dos indivíduos, mas como uma oportunidade de autoreflexão, a partir da qual o indivíduo possa se estabelecer como sujeito e exercer uma visão crítica e uma práxis transformadora sobre sua sexualidade, o que contribuiria para a afirmação dos ideais emancipatórios da humanidade, a partir do respeito ao outro e às diferentes formas do exercício da sexualidade (JEOLÁS; FERRARI, 2003).

5.2.3 O professor desafiado pela transversalidade

Os PCNs definem que a educação sexual na escola deve ser feita de forma transversal, ou seja, integrada com todas as disciplinas, de forma ampla, que entende o sujeito a partir de seu contexto e de todas as suas necessidades. Moizés e Bueno (2010) dizem que ao se pensar sobre transversalidade e formação do orientador sexual, tem-se que pensar em quem realizará efetivamente a orientação sexual. Este é o maior problema, pois ao se colocar o professor como agente de execução, este deve adotar em sua disciplina o tema sexualidade, e então há que se pensar na sua real condição para o trabalho e a qualidade de sua formação. O

grande desafio é capacitá-lo para esta função. Diante disso, os autores afirmam que se faz necessário o preparo dos professores, tornando-os bem informados e conscientes da importância de sua atuação na área.

Ao considerarmos a escola como local privilegiado para debate de todo e qualquer assunto, entendemos que a orientação sexual deve acontecer também neste ambiente. Essa afirmação leva a discutir o papel do profissional docente para que esta orientação ocorra de forma efetiva. Ao fazer este estudo encontraram-se diversos posicionamentos a respeito das responsabilidades do professor na orientação sexual de adolescentes no ambiente escolar.

No estudo de Janeiro (2008) realça-se a opinião discordante dos professores relativamente à escola ser a instituição a que compete unicamente a educação sexual dos adolescentes. Para o autor, essa relutância pode justificar-se na alegação da falta de qualificação dos docentes nesta problemática, bem como na falta de programas adequados. No mesmo sentido, Moizés e Bueno (2010) afirmam que na realização da educação sexual, são fundamentais posturas seguras e assertivas, e ainda, o corpo docente deve passar por capacitação profissional, com relação ao conteúdo, tanto técnico-científico como metodológico e vivencial.

Na pesquisa realizada por Jardim e Brêtas (2006) foram entrevistados 100 professores de 7 escolas da cidade de Jandira/SP, de todas as disciplinas que compõe o currículo do ensino fundamental e médio. Nos resultados encontramos dados significativos que nos ajudam a compreender melhor as dificuldades encontradas para abordar a sexualidade nas salas de aula. Dos entrevistados 99% (99) consideram importante a orientação sexual na escola. Na prática, 55% (55) dos professores afirmaram que abordam o tema sexualidade nas aulas. O restante, 45% (45) afirma que não fala sobre o assunto sexualidade em sala de aula. No entanto, ao serem questionados sobre a segurança que sentem para abordar o tema, apenas 33% (33) se sente seguro, os demais, mesmo falando sobre o assunto sentem-se inseguros. Quanto a abordagem pedagógica, 21% (21) dos professores entrevistados não sabe como abordar o assunto. Quanto à questão foi sobre a participação dos educadores em treinamento ou capacitação para falar sobre sexualidade em espaço escolar, apenas 27% (27) deles haviam tido alguma vivência, todos os demais nunca receberam nenhum treinamento ou capacitação para abordar a sexualidade em suas aulas.

Para Jardim e Brêtas (2006) estes dados conduzem a assertiva de que o professor deve estar preparado para polemizar, lidar com valores, tabus e preconceitos, mas, continuam sem subsídios adequados para trabalhar essas questões e acabam dando a elas enfoque totalmente biológico com a função de preservar o educador frente aos alunos com relação aos seus próprios questionamentos, receios e ansiedades. Os autores citam ainda que este nível de discussão requer do professor muito mais habilidade e sensibilidade do que para falar dos assuntos escritos nos livros de biologia, exigindo dele constante aprendizado, atualização e reciclagem.

Mesmo que hoje os professores possam falar mais abertamente sobre sexualidade em sala de aula, o enfoque que é dado continua sendo biológico e voltado principalmente para o estabelecimento de uma normalidade da conduta sexual e para o tratamento das questões vinculadas à saúde e à doença, o que por sua vez, contribui para a manutenção deste tipo de representação (TONATTO; SAPIRO, 2002).

Segundo Moizés e Bueno (2010) o professor não precisa ser um especialista em educação sexual, mas apenas um profissional devidamente formado sobre a sexualidade humana e que reflita sobre ela, sendo capaz de criar contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de informação, de reflexão e de debate de idéias, reciclar-se e atualizar seus conhecimentos de forma a ensinar a pensar, tornando-se mediador do conhecimento. Os autores destacam ainda que faz-se necessária a orientação dos pais e dos professores evidenciando a importância do preparo para liderem adequadamente com estas questões no cotidiano dos alunos e familiares.

Como estratégia de abordagem para o tema sexualidade a realização do trabalho em forma de oficinas a partir da aprendizagem compartilhada, na qual os coordenadores não ensinam o “certo e o errado”, mas facilitam o debate entre os pares a partir de dúvidas, opiniões e valores, remete os participantes à possibilidade de ampliar os seus próprios recursos de autoproteção. No entanto, é necessário que haja continuidade das ações de prevenção desenvolvidas, envolvendo instituições de ensino, com o objetivo de formar adolescentes para que possam se tornar agentes multiplicadores do conhecimento (CAMARGO; FERRARI, 2008).

No trabalho de Moizés e Bueno (2010) os professores entrevistados sugeriram como estratégia para abordar a sexualidade em sala de aula, a utilização

de materiais didáticos. Segundo eles, os materiais educativos devem servir para iniciar a conversa, problematizar o tema e levantar perguntas, sem dar respostas. Materiais audiovisuais como vídeos, slides, transparências ou cartazes, devem ser usados também com essa intenção. Um vídeo didático adequado apresenta o assunto, levanta perguntas e suscita questionamentos, possibilitando abrir o debate. São elementos necessários para a reflexão, como dados da realidade social, mas que não devem ser vistos como verdades a serem aceitas sem discussão, pois expressam interesse e visão idealizadas de sexo e sexualidade.

5.2.4 Redes sociais: um apoio fundamental

A categoria redes sociais: um apoio fundamental caracteriza-se como estruturas que interagem e interferem no processo de construção da educação sexual dos adolescentes nas escolas. Neste contexto, revelaram-se as seguintes subcategorias:

- *profissionais de saúde: aliados pela integralidade*
- *mídia: comunicando sexualidade e,*
- *amigos: as boas e más influências*

5.2.4.1 Profissionais de saúde: aliados pela integralidade

Quando se analisa a educação sexual de adolescentes se elenca alguns elementos como os principais responsáveis, mas não se pode esquecer que independente de sua história de vida qualquer indivíduo se insere em uma sociedade e nesta convive com outros indivíduos que influenciam em sua maneira de ser.

Nas estratégias de educação voltadas para a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, é preciso considerar esta rede de relações que compreende os pais, as mães, outros membros da família, professores, profissionais da saúde e outros adolescentes como fontes de informação e diálogo, visto que estes sujeitos,

interlocutores no diálogo com adolescentes sobre sexo, gravidez e DST/AIDS, necessitam ser agregados como partícipes nas ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes (BORGES et al, 2006).

O diálogo interdisciplinar entre profissionais e estudantes de enfermagem, medicina, serviço social e ciências sociais, em projetos de intervenção na área da saúde, tem permitido o exercício de desconstrução de categorias analíticas elaboradas no interior de cada disciplina, como as de adolescência de risco e de prevenção, quando as mesmas são recolocadas sob novas perspectivas, permitindo a compreensão sobre qual adolescente se está falando, de que risco se trata e qual tipo de prevenção é possível (JEOLÁS; FERRARI, 2003).

A enfermeira como profissional capacitada para assistir o indivíduo em todas as etapas da vida, necessita estar inserida nos Programas de Educação Sexual das escolas, promovendo ações e programas voltados para a saúde do adolescente e sua família os quais devem atender as reais necessidades de ambos. Neste contexto o PSE surge como estratégia contribuir na formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino.

Contudo, se observa que a enfermagem deixou de ocupar espaços importantes de atuação na escola e por isso hoje buscar sua reintegração ao ambiente escolar. Segundo Maciel et al. (2010) a melhor contribuição que a saúde poderia oferecer à educação reside na possibilidade de uma ação integrada e articulada, de maneira crítica e reflexiva, que possa significar oportunidade de atualização dos educadores, capacitando-os para a tarefa de ministrar o discurso sobre orientação à saúde de forma transversal e interdisciplinar.

Os enfermeiros, como profissionais de saúde com formação generalista, atuam nas diversas áreas, preventivas ou curativas, sendo que na educação em saúde, a saúde dos adolescentes constitui uma interface da sua atuação (FREITAS; DIAS, 2010). E no tocante ao papel do enfermeiro, é urgente reformular o processo de trabalho, a partir da criação de novos saberes que favoreçam tanto a formação profissional, quanto a capacidade de produzir e readequar novos recursos tecnológicos do tipo educativos (GUBERT et al., 2009).

Por isso se tem a necessidade de criação de espaços e escuta na escola e nos serviços de saúde, específicos para os adolescentes, que permitam o

estabelecimento de um vínculo com os profissionais e educadores, proporcionando um atendimento mais qualificado, visto que apesar de algumas políticas públicas atuais como o PSE, estimularem essa interação, ainda não conseguiram superar as barreiras para integração entre educação e saúde (GUBERT et al., 2009) e assim, o profissional da enfermagem consiga desempenhar seu papel de forma mais completa, conforme ilustrado na figura 2.

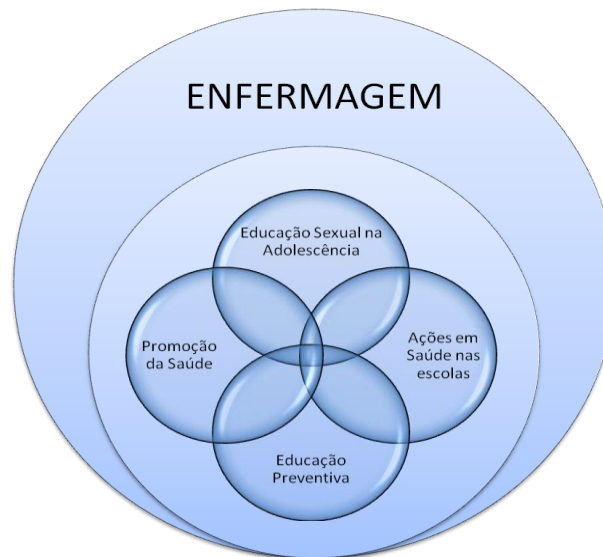


Figura 2: Enfermagem e a Educação Sexual do Adolescente nas escolas brasileiras.

Concordando com a importância do enfermeiro na escola, Moizés e Bueno (2010) afirmam que a maioria dos professores prefere que profissionais da área da saúde dêem palestras e orientações sobre sexualidade, sendo assim, estes são grandes aliados dos docentes, no sentido de conscientizá-los e capacitá-los.

Os trabalhos de orientação sexual realizados tanto por profissionais que atuam na escola como por profissionais da área da saúde são fundamentais para o enfrentamento de problemas sociais individuais e coletivos que afetam os adolescentes. Os projetos político-pedagógicos das escolas precisam contemplar esta especificidade, trazendo benefícios para suas vidas, pois estão em uma fase peculiar de desenvolvimento, tanto emocional quanto físico e social (FONSECA et al, 2010).

Para o alcance dos objetivos e sucesso do PSE é de fundamental importância compreender a Educação Integral como um conceito que compreende a proteção, a atenção e o pleno desenvolvimento da comunidade escolar. Na esfera da saúde, as práticas das equipes de Saúde da Família, incluem prevenção, promoção,

recuperação e manutenção da saúde dos indivíduos e coletivos humanos (BRASIL, 2010).

A saúde está, pois, diretamente ligada à educação, no sentido de que estes são dois pilares da sobrevivência humana, que se encontram em uma constante construção. Desta forma, o enfermeiro, ao desenvolver suas funções, entre elas a educação preventiva, tem um grande papel na escola, através da instrumentalização científica dos professores e entendimentos das necessidades dos alunos (MOIZÉS; BUENO, 2010).

Segundo Brasil (2010), as ações em saúde previstas no âmbito do PSE considerarão a atenção, promoção, prevenção e assistência, e serão desenvolvidas articuladamente com a rede de educação pública básica e em conformidade com os princípios e diretrizes do SUS.

A Enfermagem, enquanto disciplina social e humanística destaca-se por estar intimamente ligada ao ser humano e preocupada com o seu bem estar, enquadra-se no desafio de ações em Educação em Saúde que permitam incentivar os jovens à reflexão crítica de sua realidade. É fundamental que a Enfermagem coloque no centro dos debates sobre saúde discussões acerca de técnicas as quais podem ser submetidas a grupos específicos, ou seja, pessoas contextualizadas numa mesma realidade (BESERRA; PINHEIRO; BARROSO, 2008).

5.2.4.2 Mídia: comunicando sexualidade

A adolescência é um período de muitos conflitos pessoais, é nesta fase que o indivíduo sente necessidade de identificar-se com pessoas desconhecidas, que não faziam parte do seu cotidiano até este momento da vida. Atualmente, a mídia exerce um papel muito importante neste processo de descobrimento que vive o adolescente: atua como um instrumento de “padronização” das preferências, das referências e dos modelos, e a partir da mensagem que ela emite, os adolescentes criam seus grupos, escolhem suas roupas, adotam um estilo, enfim, continuam o processo de amadurecimento natural desta fase. Conforme Tonatto e Sapiro (2002) a mídia exerce um papel de educadora informal que tem atraído muito os jovens na atualidade.

Uma característica da adolescência é a tendência em seguir padrões previamente estabelecidos, principalmente pela mídia. Tais padrões induzem a identificação com personagens, como os modelos de beleza e de saúde, que muitas das vezes são incompatíveis com suas condições socioeconômicas ou com sua fase de crescimento, ocasionando transtornos alimentares, deficiências nutricionais, sentimentos de frustração e alterações na imagem corporal (FONSECA et al, 2010).

A propagação cada vez mais constante na mídia do sexo e erotismo, propicia a precocidade da iniciação sexual, bem como sua banalização. No entanto, o apelo realizado pelos veículos de imprensa não tem sido suficiente para que os adolescentes adotem o comportamento do sexo seguro (MOIZÉS; BUENO, 2010).

Independentemente da participação familiar no processo educativo, a sexualidade está abertamente debatida na sociedade e nos meios de comunicação, como a televisão, o rádio e a internet, que tem influenciado diretamente o comportamento do adolescente com um bombardeio de informações em sua maioria, distorcidas sobre a sexualidade (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Vivencia-se atualmente a era do “show do sexo”, na qual a erotização invade as casa através de jornais, revistas, rádio, internet e, principalmente, da televisão. Muitas vezes influenciadas pelos ídolos, as crianças estão cada vez mais erotizadas, e adolescentes acabam iniciando a vida sexual cada vez mais cedo, geralmente de forma desprotegida, o que resulta, em muitas ocasiões, na gravidez de garotas recém-saídas da infância (FONSECA et al, 2010).

5.2.4.3 Amigos: as boas e más influências

O grupo social exerce papel significativo no processo de formação e desenvolvimento do adolescente. Muitas atitudes e modos de perceber o mundo, o “outro” e a si mesmo são influenciadas pelo grupo, no qual o adolescente está inserido e com o qual se identifica. Torna-se, por si só um possível multiplicador de ideais, valores e concepções, podendo ser um recurso valioso no processo educativo (FONSECA et al, 2010).

Pode se notar a importância que a maioria absoluta dos adolescentes dá para os amigos no que se refere às conversas sobre sexualidade. Quase todos colocam, em momentos diversos, o fato de que os amigos são a grande fonte de

esclarecimentos de dúvidas, inclusive sexuais, e o apoio nas horas mais difíceis. Segundo os adolescentes isso acontece porque os amigos entendem melhor os problemas da adolescência do que qualquer outra pessoa. Para a maioria dos adolescentes os pais não deixam de ter a sua importância e o seu valor, mas o que acontece é que outras instâncias e outros grupos assumem um valor fundamental na vida dos jovens, como por exemplo, os pares (TONATTO; SAPIRO, 2002).

Sabe-se que diante da falta de orientação e da ausência de diálogo sobre sexualidade na família, o adolescente tende a procurar informações com outros adolescentes, ainda mais ou igualmente imaturos, o que contribui para a prática do sexo inseguro e aquisição de informações errôneas (ALMEIDA; CENTA, 2009). Os resultados mostraram que era com os amigos com que os adolescentes conversavam com maior frequência sobre sexo, perfazendo 57,2% do grupo masculino e 45,3% no grupo feminino (BORGES et al, 2006).

Durante a adolescência é comum este afastamento da família, sendo assim os adolescentes passam a conviver mais com os amigos, com os quais se identificam. Estes passam a ser confidentes e cúmplices dessa fase da vida. Entre eles, as conversas se tornam mais fáceis, devido ao fato de estarem passando por momentos parecidos e terem dúvidas semelhantes em muitas situações novas, o que torna a conversa espontânea e sem constrangimento. Diante desse contexto fica evidente que os próprios jovens podem contribuir com o processo de viver saudável de seus colegas, “pois é indispensável reconhecer que o jovem é detentor de saberes e práticas que devem ser respeitadas e valorizadas na construção do conhecimento” (FONSECA et al, 2010).

6 Considerações finais

Ao concluir este estudo que tem por objetivo compreender os elementos fundamentais que estruturam a promoção da educação sexual para adolescentes nas escolas brasileiras, desvelaram-se categorias e subcategorias de elementos que compõe este processo, são elas: a família alicerçando saberes, a escola: o espaço fundamental, o professor desafiado pela transversalidade e as redes sociais de apoio, esta última com três subcategorias: profissionais da saúde: aliados pela integralidade, mídia: comunicando sexualidade e amigos: as boas e más influências.

O ambiente familiar precisa desempenhar seu papel também no que tange a educação sexual de seus filhos, discutindo o assunto de maneira clara, aberta, sem preconceitos e sem constrangimentos, pois assim, estará garantindo a orientação adequada para os seus conceitos, a um indivíduo em formação, que carrega muitas dúvidas e nem sempre sabe como esclarecê-las.

Quanto à escola, entendo que é de fato um espaço privilegiado para a orientação sexual do adolescente, pois ele se sente amparado pelo grupo que o cerca, está mais a vontade para perguntas que não formula aos pais, considera o docente como um adulto de referência e porque nos momentos em que está na escola, está literalmente disponível para o aprendizado.

A proposta do debate transversal citada pelos PCNs parece adequada e uma excelente maneira de desconstruir os obstáculos que cercam a discussão sobre sexualidade na sala de aula. No entanto, o docente, como importante personagem deste processo parece não estar preparado para a realidade prática.

O professor ainda se sente inseguro para falar sobre o tema, fazendo com que o professor de ciências ou biologia seja o único a abordar a sexualidade. Por isso, é necessário que os professores sejam capacitados para incluir a sexualidade em suas aulas, que consigam responder ao adolescente de maneira natural e para que entendam o indivíduo e sua sexualidade de maneira holística e assim abordem o tema sem nenhum tipo de barreira ou preconceito.

No que se refere às redes sociais de apoio, a enfermagem surge com papel de muita importância pois é o profissional de referência da comunidade escolar para auxiliá-la a promover a educação sexual no ambiente escolar. Além disso, tornar-se co-responsável por ações preventivas no âmbito escolar e no ambiente familiar,

reafirma seu compromisso social e autêntico com a educação em saúde da população e marca o retorno do enfermeiro escolar, atuante junto aos docentes, discentes e familiares, integrando comunidade e escola para envolver a todos no processo de educação sexual, para que assim também tornem-se responsáveis por ela.

Quanto à mídia entendo que se torna cada vez mais a fonte exclusiva de informação, e por vezes transmite a informação inadequada para a idade do telespectador, ou para a maturidade de suas ações. Portanto podemos atuar no sentido de esclarecer ao adolescente que se faz necessário duvidar das informações que adquire pela mídia, especialmente televisiva, e que deve contar com pessoas adultas de sua confiança para falar sobre sua sexualidade e esclarecer suas dúvidas.

Ao desvelarmos as dimensões que estão intimamente relacionadas ao processo da educação sexual encontramos o grupo de amigos com significativa relevância na vida do adolescente, em todos os aspectos, inclusive quando falamos em sexualidade. Os amigos são a principal fonte de informação utilizada pelos jovens para esclarecer dúvidas relacionadas a este tema, fato que legitima ainda mais a promoção da educação sexual no ambiente escolar, pois assim abordamos o indivíduo e seu grupo de relações, uniformizando informações, resolvendo dúvidas e especialmente, orientando para uma vida sexual saudável e preventiva.

Por isso, acredito que a educação sexual dos adolescentes torna-se cada vez mais necessária e importante para esta geração, e por isso precisa ser discutida, questionada e reformulada constantemente. Entendo que o foco das ações educativas sobre sexualidade deve ser sobretudo a valorização das relações sexuais, com uma abordagem clara e sem preconceito, porque já vivemos um momento conturbado por tantas modernidades, capaz de confundir conceitos e desconstruir verdades, portanto, criar adolescentes mal informados sexualmente é incentivar a banalização das relações e retroceder no processo de desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, Toledo, v. 22, n. , p.71-76, fev. 2009. Trimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002009000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 set. 2010.

BESERRA, Eveline Pinheiro; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p.522-528, set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n3/v12n3a19.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2010.

BORGES, Ana Luiza Vilela; NOCHIATA, Lucia Yasuko Izumi; SCHOR, Néia. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, p.422-427, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/v14n3a17.pdf> >. Acesso em: 04 out. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **SAÚDE NA ESCOLA**. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/visualizar_texto.cfm?idtxt=29109&janela=1>. Acesso em: 03 set. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção À Saúde. **Cadernos de Atenção Básica: Saúde na Escola**. 24. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 93 p. (Textos Básicos de Saúde). Departamento de Atenção Básica.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção À Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégias. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 52 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção À Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégias. Área Técnica de Saúde de Adolescente e Jovem. **Caderneta de Saúde da Adolescente**. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 50 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2010.

CAMARGO, Elisana Ágatha Iakmiu; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p.937-946, jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000300030&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 05 out. 2010.

FONSECA, Adriana Dora da et al. Percepção de Adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. **Revista de Enfermagem Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 14, p.330-337, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n2/16.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2010.

FREITAS, Kelly Ribeiro de; DIAS, Silvana Maria Zarth. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p.351-357, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000200017>. Acesso em: 16 dez. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GUBERT, Fabiane do Amaral et al. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiás, v. 11, n. 1, p.165-172, 2009. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/pdf/v11n1a21.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2010.

JANEIRO, José Manuel da Silva Vilelas. Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29, n. , p.382-390, set. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/6758/4063>>. Acesso em: 15 set. 2010.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 59, n. 2, p.157-162, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672006000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 out. 2010.

JEOLÁS, Leila Sollberger; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Oficinas para prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.611-620, 2003. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000200021&lng=pt>. Acesso em: 23 set. 2010.

MACIEL, Ethel Leonor Noia et al. Projeto Aprendendo Saúde na Escola: a experiência de repercussões positivas na qualidade de vida e determinantes da saúde de membros de uma comunidade escolar em Vitória, Espírito Santo. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p.389-396, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232010000200014&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 dez. 2010.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, São Paulo, v. 1, n. 44, p.205-212, mar.

2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342010000100029&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 set. 2010.

SOARES, Sônia Maria et al. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p.485-491, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000300014&lng=pt>. Acesso em: 23 set. 2010.

SOUZA, Márcia M. et al. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, p.102-105, jan. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672007000100020&script=sci_arttext>. Acesso em: 07 set. 2010.

TONATTO, Suzinara; SAPIRO, Clary Milnitsky. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p.163-175, jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000200009&tlng=en&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 out. 2010.

Educação sexual de adolescentes nas escolas: um olhar sobre cenário brasileiro

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE REGISTRO DE DADOS DOS ARTIGOS

Título	
Autor	
Periódico	
Ano	
Local	
Objetivos	
Metodologia	
Resultados	
Recomendações	

Educação sexual de adolescentes nas escolas: um olhar sobre cenário brasileiro

APÊNDICE B – FICHA DE LEITURA DOS MANUAIS

Título	
Autor	
Ano	
Órgão responsável	
Conteúdo	